



CURRÍCULO NÔMADE E FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIMENTAÇÕES NOS ESTUDOS DO CORPO

Wagner Ferraz

UFRGS (BRASIL), ferrazwagner@gmail.com

Resumo

Este texto apresenta o trabalho realizado nos Estudos do Corpo, projeto de extensão que está no 6º ano, onde professores e estudantes de licenciatura se encontram para estudar e discutir os temas corpo, criação e educação em movimento. Para pensar os citados temas se faz necessário discutir modos de operar com um currículo nômade. Assim busca, metodologicamente, traçar um breve histórico do respectivo projeto, apresentando sua organização curricular e seus movimentos, realizando articulações com os estudos de currículo numa perspectiva pós-estruturalista. Tendo como referencial pesquisadores que discutem currículo nômade, movimentos do currículo e criação, como: Corazza (2008 e 2012), Sardagna e Corazza (2013), Paraíso (2010, 2015) e Munhoz e Domênica (2015). Com isso é possível pensar que um currículo nômade possibilita produzir movimentos em atividades voltadas para a formação de professores apresentando possibilidades de criação no encontro com um pensamento curricular.

Palavras-chave: currículo nômade, formação de professores, estudos do corpo, filosofias da diferença.

Abstract:

This text presents the work carried out in the Studies of the Body, an extension project that is in the 6th year, where professors and undergraduate students meet to study and discuss the themes of body, creation and education in movement. In order to think about these themes, it is necessary to discuss ways of operating with a nomadic curriculum. Thus, it seeks, methodologically, to draw a brief history of the respective project, presenting its curricular organization and its movements, articulating with the studies of curriculum in a post-structuralist perspective. Based on the results of this study, the authors will analyze the curriculum and the creation of the curriculum, such as: Corazza (2008 and 2012), Sardagna and Corazza (2013), Paraíso (2010, 2015) and Munhoz and Domênica (2015). With this it is possible to think that a nomadic curriculum allows to produce movements in activities directed to the formation of teachers presenting possibilities of creation in the encounter with a curricular thought.

Keywords: nomadic curriculum, teacher training, studies of the body, philosophies of difference.



Isso tudo porque a diferença deleuziana é uma diferença sem outro; é a diferença em si. É o movimento que no meio da repetição se cria. A diferença se desenrola como movimento criador. Ela é devir; é movimento sem lei. Atua na zona do indeterminado e da interrogação. É experimental e multiplicável e replicável e repetível e dinâmica e criadora... (Paraíso, 2010, p. 602).

1 ESTUDOS DO CORPO

A discussão apresentada neste texto busca mostrar que a noção de currículo¹ nômade vem a ser potente para o trabalho desenvolvido em um projeto de extensão. Este projeto intitulado *Estudos do Corpo*² está no seu 6º ano de atividades, tendo iniciado como uma série de encontros para estudos e curso livre no Instituto de *Desenvolvimento Educacional e Profissional Integrado – INDEPIn* (tendo ocorrido nos anos de 2012, 20013, 2014). Com o encerramento das atividades deste instituto, a projeto se tornou ação de extensão sob título de *Estudos do Corpo [diferença – artes – educação]*, vinculado a *Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS* – tendo a coordenação institucional da Profª Drª. Daniele Noal Gai (nos anos de 2014 e 2015). Neste ano de 2017, o projeto passa a compor as atividades da ação de extensão *Arte, Corpo e Ensigno: Produções*, vinculada ao *Instituto de Artes (IA)*, também da *UFRGS*, sob coordenação da Profª. Drª Paola Zordan. O Estudos do Corpo foi criado por Wagner Ferraz, e em todos esses anos de trabalho, as atividades sempre foram coordenadas e realizadas por este, junto com as professoras citadas anteriormente.

A proposta sempre foi realizar uma série de encontros para estudos, tendo o tema corpo atravessado pelos temas criação e educação. Artistas, professores, estudantes de graduação (bacharel, licenciatura e tecnólogo) e pessoas sem formação acadêmica participaram e participam dos estudos, constituindo o público da proposta. Tendo participantes das artes visuais, dança, pedagogia, matemática, educação física, teatro, antropologia, saúde coletiva, psicologia, biologia, ciências sociais, performance, comunicação, entre outras áreas, além de profissionais atuantes na produção artística e cultural... Muitos participantes atuam como professores em escolas, universidades e cursos livres, sendo necessário dar ênfase nas discussões em torno da educação, tendo o corpo como tema transdisciplinar que atravessa diferentes campos e a criação tomada como processo de experimentação para variar com as possibilidades de ensino, trazendo assim discussões que podem movimentar os estudos.

Essas discussões, tantas vezes baseadas em textos, em situações vividas e em propostas de experimentações, dão condições para se tratar de um currículo nômade, destacando o movimento como disparador e condição para os estudos realizados. Tais estudos são tomados como um “pesquisar/criação” (Ferraz, 2015 e 2016), entendendo a vida imanente ao pesquisar e a criação produtora de ações, de possibilidades de movimentos, constituindo uma educação que se dá em exercício de pensar/fazer, de deslocamentos, de variações, de experimentações, que podem ser pensadas, nesta proposta, como contribuições para a formação de professores.

Desse modo, para realizar essa discussão, busca-se aporte teórico-metodológico em textos do campo da educação, na perspectiva das filosofias da diferença, que serão apresentados a seguir, para pensar e discutir a noção de currículo nômade, realizado articulações com os possíveis movimentos realizados nos Estudos do Corpo dando ênfase na formação de professores.

¹ A discussão deste texto foi disparada pelos estudos realizados na disciplina Teorias de Currículo, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, na qual o presente autor faz estágio docente (2017/01) de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na mesma instituição, tendo como supervisor o professor responsável pela respectiva disciplina, Prof. Drº Samuel Edmundo Lopez Bello.

² Para mais informações acerca das atividades desenvolvidas nos Estudos do Corpo, acesse este link: www.estudosdocorpo.weebly.com



2 PARA PENSAR UM CURRÍCULO NÔMADE

Os estudos de currículo, de modo geral, pautam suas discussões acerca das teorias tradicionais (ou a-críticas), críticas e pós-críticas. “A questão central que serve de pano de fundo para qualquer teoria do currículo é a de saber qual conhecimento deve ser ensinado” (Silva, 2007, p.14). Com isso pode-se pensar que o que deve ser ensinado, pode ser simplesmente pautado com referência em alguma dessas teorias, mas não se trata simplesmente de escolher uma teoria e segui-la, pois, nos dias atuais, diversos atravessamentos podem compor as possibilidades de se pensar um currículo e neste texto opta-se por pensar com uma das perspectivas de estudos de currículo, pensando com as teorias pós-críticas – com o pós-estruturalismo.

Com as teorias pós-críticas, especificamente com e a partir da filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), busca-se pensar um currículo nômade³. Os citados autores não discutiram currículo em suas obras, mas pensando com eles, diversos(as) pesquisadores(as) da educação já trataram e tratam de currículo nômade, sendo alguns deles(as): Corazza (2008 e 2012), Sardagna e Corazza (2013), Paraíso (2010, 2015) e Munhoz e Domênica (2015), não só nessas obras referenciadas, mas também em outras, assim também como outros autores que não são aqui utilizados.

Cabe destacar que, uma discussão com as filosofias da diferença não irá sustentar um pensamento tradicional de herança platônica, não buscará traçar um mundo ideal preocupado com o ser, com um dualismo reducionista que hierarquiza priorizando uma razão, não busca um valor inatingível da transcendência, não trata da fixação, da moral e norma, da identidade, do mesmo, do uno e do múltiplo, da alma nos mundo das essências, da totalidade, da descoberta, da representação, do conhecimento sobre, do sujeito universal, das verdades absolutas... Mas as discussão buscarão fissurar esses temas e seus modos de operação para produzir diferença, tratando do devir (vir-a-ser), do perspectivismo, da imanência, da valoração, do processo, do movimento, da potência, da multiplicidade, do corpo, da singularidade, da invenção, da criação, da ficção, do pensar com, da subjetivação, das condições...

Com esse segundo plano de pensamento descrito, que se dará essa discussão, pois “com a chegada do Pensamento da Diferença na Educação, (...) já não é mais possível operar com qualquer tipo de currículo; a não ser com currículos plurais, que podemos chamar por diferentes nomes, como Currículos-Nômades (...)”. (Corazza, 2008, p. 1). Não podemos esquecer que um currículo também se faz de estruturas, de alguns ordenamentos, de tentativas de estabilidades, fixações:

É certo que um currículo é também território povoado por buscas de ordenamentos (de pessoas e espaços), de organizações (de disciplinas e campos), de sequenciações (de conteúdos e níveis de aprendizagens), de estruturações (de tempos e pré-requisitos), de enquadramentos (de pessoas e horários), de divisões (de tempo, espaço, áreas, conteúdos, disciplinas, aprendizagens, tipos, espécies...). Isso tudo porque o que está em jogo em um currículo é a constituição de modos de vida, a tal ponto que a vida de muitas pessoas depende do currículo. (Paraíso, 2010, p. 588).

Desse modo Paraíso mostra que um currículo também é diferença por natureza, pura diferença, diferença em si, pois trata-se de um território de todos os tipos de multiplicidades, disseminando diversos saberes. Um território de “encontros ‘variados’, de composições ‘caóticas’, de disseminações ‘perigosas’, de contágios ‘incontroláveis’, de acontecimentos ‘insuspeitados’”. Um currículo é, por natureza, rizomático, porque é território de proliferação de sentidos e multiplicação de significados” (2010, p. 588). Por mais que hajam poderes que operam para o controle, demarcando áreas e produzindo opiniões sobre como evitar a desorganização em um currículo, tudo pode vazar e escapar.

Nos Estudos do Corpo o que mais está em jogo é pensar e discutir o que vaza, olha-se para as estruturas e pensa-se as possíveis fissuras, as condições que possibilitam que determinadas coisas

³ Alguns autores escreverão currículo nômade, outros escreverão currículo-nômade, neste texto opta-se por utilizar a primeira opção.



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Criulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

sejam de determinados modos, e com isso traçam-se outras linhas de variação no campo das possibilidades, cria-se outras condições que possibilitem outras composições. E são essas possibilidades de composições que produzem modos de pensar, que por vezes fazem vazarem as estruturas e constituem os corpos, que reverberam no trabalho docente dos participantes, sendo potente pensar nas variadas linhas de pensamento que podem ser produzidas acerca do fazer docente, da vida de um professor e de todos os atravessamentos de um pensamento curricular.

(...) mesmo com os investimentos para controlar a diferença no currículo, tudo aí ainda vaza, por que não pensar o currículo por meio de suas bifurcações? Por que não experimentar no currículo o jogo da diferença? Por que não pensar o currículo por meio dos seus vazamentos, escapes, suas linhas de fugas, distorções e variações? Por que não priorizar a diferença em vez da identidade e seguir as ramificações que surgirem desse pensamento? (Paraíso, 2010, p. 588).

Nas diversas linhas produzidas para se pensar um currículo, não se dispensa as linhas capturadas que constituem determinados modos de pensa-lo, com elas se faz movimentos rompendo com os estratos e criando possibilidades. Conforme destaca Paraíso (2010) o pensamento curricular na contemporaneidade é um pensamento identitário, busca responder perguntas tradicionais, como: “o que é mesmo um currículo?”, “o que é um currículo por competências?”, entre outras... Fazemos operações de identificação e tratamos, tantas vezes, das semelhanças entre diversos currículos, como o currículo por competências e o currículo por objetivos, os currículos pós-críticos e os críticos, o currículo oficial e o alternativo. Busca-se saber: “o que é um currículo multicultural?”; “O que é um currículo organizado por projetos?”; “O que é um currículo tradicional ou construtivista?”; “O que é um currículo escolar e um currículo de outros artefatos?”. “Olhamos para a variedade de pensamentos existentes, de coisas, de indivíduos, de práticas sociais procurando classificar, encontrar a unidade, aquilo que as identifica: a identidade. Buscamos o comum sob a diferença”. (p. 592). Mas o que se busca-se, nessa proposta, é justamente pensar uma diferença que não se dá por comparação, mas uma diferença em potência que racha o instituído em sua produção.

“Os currículos deste mundo, os já existentes, são mesmo, sempre, currículos já formados. Olhamos para esses currículos e vemos estratos já constituídos: disciplinas, saberes, professoras, crianças, identidades, livros didáticos, conteúdos, literatura infantil e juvenil, exercícios, atividades, conhecimentos, mesas, carteiras enfileiradas ou em círculos, conversas, explicações, projetos, atividades, ensino... Até pode haver metamorfoses, transformações, mudanças, mas são sempre processos secundários aos estratos formados que daí resultam. Com os pensamentos curriculares que aprendemos a usar, olhamos para os currículos existentes buscando essas coisas, pensando naquilo que já foi formado, em organizar o caos ou a desorganização que venha a se manifestar”. (Paraíso, 2010, p. 592-593).

Seja qual for a área de ensino, conhecimento e formação, os currículos prontos sempre estão lá, mostrando para onde se deve olhar, o que se deve seguir, que tipo de sujeito se deve formar, o que ensinar, levando em consideração os espaços institucionalizados.

Cabe destacar que muitos dos participantes dos Estudos do Corpo, atuam como professores em espaços não escolarizados ou não institucionalizados, o que torna relevante uma discussão acerca do currículo produzindo tensão entre os diversos espaços. “Articular os espaços escolares e não escolares e seus movimentos escolarizados e não escolarizados nos possibilita pensar em alguns desdobramentos do currículo, problematizando as suas condições de emergência e as possibilidades de criação e experimentação”. (Munhoz e Hattge, 2015, p. 320).

As autoras citadas anteriormente, ao tratarem desses diferentes espaços, destacam que esses diferentes movimentos, tantas vezes, encontram-se fortemente naturalizados numa lógica escolarizada, assim, as atividades que escapam dessas formas instituídas pela escola moderna são questionadas a ponto de, tantas vezes, necessitarem se modificar se aproximando cada vez mais do modelo escolarizado. Não se trata de discutir se devemos ou não optar por um modelo escolarizado ou outro modelo, mas de pensar que, muitas vezes, o não instituído vem a ser potente para se pensar possibilidades para se movimentar na instituição, e no caso nessa discussão, para se movimentar com



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Criulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

o currículo. E isso está em jogo nos Estudos do Corpo, pois o encontro de áreas, formações e a experiência diversas em diferentes espaços, proporciona uma discussão para se pensar possibilidades.

Tratar das possibilidades, num currículo-diferença, conforme (Paraíso, 2010) vem a ser acompanhar linhas, traçados e bifurcações de um currículo, atento ao que se pode ver, se sentir e se falar acerca de sua força, de sua potência, de sua composição, de seus movimentos de criação. “E ‘criar, não é comunicar mas resistir’. Resistir aos estratos, ao já feito, ao já construído, ao ‘é’. Resistir a tudo aquilo que nos entristece, que diminui nossa potência, nossos desejos e nossa força de pensar e traçar linhas de fugas” (p. 595-596). Como já vem sendo discutido nas linhas anteriores, buscar produzir diferença, se lançar na experimentação, dar espaço ao acontecimento.

Para deixar a diferença continuar o seu trabalho é preciso: possibilitar o acontecimento em um currículo! Deixar vazar! Fazer matilhas! Contagiar! Possibilitar um outro currículo; um currículo que pense com a diferença para ver, sentir e viver a vida em sua proliferação. Experimentar em um currículo: fazer currículo sem medo e sem programa. Arriscar! Com certas precauções, é claro, pois não podemos esquecer que a vida de muitos/as depende do currículo! Aventurar-se: aventurar junto com outras pessoas. Partilhar: coisas, afectos, sensações, desejos, aprendizagens... (Paraíso, 2010, p. 602).

Para aventurar-se e partilhar precisa-se driblar o jogo das hierarquias, pois essas precisam ser desfeitas, possibilitando que encontros possam se dar. As clássicas e dualistas oposições que produzem identidades precisam ser desfeitas, como: professor e alunos, crianças e adultos, alunos novatos e antigos (Paraíso, 2015)... Pois na perspectiva das filosofias da diferença com um currículo nômade, os exemplos citados, não são vistos como oposições, mas como conexões que fazem alianças.

Nesse currículo-intempestivo e errante, são traçadas maquinações para o ensinar e aprender, planos para metamorfoses que professores(as) consideram necessários para a constituição de uma aula. “Uma aula pode começar do encontro de pessoas e coisas. Um choque que produz algum efeito. Um sistema de desterritorialização, com permissões, percepções, imaginações, operações, aprofundamentos e superações, deslocamentos, olhares”. (Gonçalves, 2012, p. 48). Então se produz variações nos currículos, nas aulas, nas didáticas, nos métodos, nas possibilidades de educar...

Um currículo pode produzir movimento, pode ser “(...) itinerante e também ‘pode ser chamado Currículo- Mar; pois é fluência pura, nada representa, não fixa lugares, não disciplina, mas engendra-se e percorre-se, faz fugir os sujeitos e os objetos’.” (Olegário e Corazza, 2015, p. 360). Seja a imagem-mar, ou qualquer outra, o que impulsiona esse tipo de discussão de currículo é o movimento, a mudança, a transformação, a metamorfose, o incomodo com as fixações, com as certezas únicas, com uma verdade modelo, com as hierarquias. Precisa-se percorrer os territórios, se lançar em experimentação e variar com as possibilidades, fazer a educação vibrar por meio de um currículo-aventureiro, aquele que “não propõe gestos a serem reproduzidos ou conteúdo a serem reconhecidos, nunca diz – Faça como eu faço!, mas convida: – Venha, faça comigo!” (Corazza, 2008, p. 6). Nos Estudos do Corpo não interessa finalizar um encontro/aula, um semestre ou um ano de trabalho sabendo determinados conteúdos, mas interessa pensar e deslizar com os movimentos que se dão, observar como a vida se movimento quando nos sentimos afetados por determinadas circunstâncias, leituras, discussões, experimentações... O que interessa é a reverberação de algo que se deu.

Pensar e/ou operar com um currículo nômade nos Estudos do Corpo vem a ser assumir esses movimentos, variações, linhas rizomáticas, novas imagens de pensamento. Pois num rizoma não se tem uma raiz principal, mas uma multiplicidade de raízes que se conectam e seguem diversos percursos, se conectando novamente quando outros encontros se são. “Qualquer ponto destes currículos pode ser conectado a qualquer outro, ao contrário dos currículos-programas que, enquanto arborescências, fixam um ponto, uma ordenação. Não existem pontos ou posições num currículo rizomático, mas linhas e estas linhas não param de se remeterem a outras”. (Kroef, 2002, p. 7).

Os currículos arborescentes constituem-se em sistemas centrados ou policentrados de comunicações hierárquicas e ligações preestabelecidas. Ao passo que, os currículos rizomáticos são sistemas a-centrados, não



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Crioulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

hierárquicos e, unicamente definidos pela circulação de estados. Os currículos rizomáticos são geográficos, uma memória curta ou uma antimemória, enquanto os currículos arborescentes, são históricos, constiuem uma memória. (Kroef, 2002, p. 8).

Um currículo nômade compõe multiplicidades, busca produzir condições para a diferença, para a criação, para variados modos de se educar em experimentação. Não é possível trabalhar com um currículo nômade querendo-se decalcar modelos e receitas, querendo representar imagens buscando ser idêntico a algo. Com um currículo nômade busca-se deslizar pelo impensado, deixar que os acontecimentos mostrem algumas possibilidades e que se dance com essas.

3 CONCLUSÃO

Um currículo nômade nos Estudos do Corpo pode ser chamado de um currículo de experimentação e variação, um currículo de um pesquisar/criação, um currículo dos movimentos dançantes da vida, um currículo performativo, um currículo que constitui esse projeto de estudos ao mesmo tempo em que é constituído nos próprios encontros. Ele, esse currículo, não vem previamente, mas vem imanentemente ao que se dá, ao que se propõe, ao que se planeja com possibilidades de alterações, ao que se afeta com os acontecimentos... Um currículo que se constitui em multiplicidade.

O corpo é o tema de estudo tomado como condição para a criação e educação, uma educação criadora e uma criação educadora, uma experimentação que cria, uma educação que experimenta, uma experimentação que educa, uma criação que experimenta um corpo que se torna a cada instante... entre um corpo que se torna e um corpo que se pode vir a ser (Ferraz, 2014).

Pensa-se a partir e com os encontros para os estudos, contribuições para a formação dos professores e para os estudantes de licenciatura que participam, mas essas contribuições são da ordem dos encontros, das variações, dos desmanches das hierarquias, da potência dos corpos, da criação de condições, das fissuras nos dualismos, das possibilidades mapeadas, dos acontecimentos que não se sabe previamente, pois conforme Corazza (2012) não estamos tratando de professores-copistas, mas professores criadores. São nessas condições que pensa uma educação e um currículo em movimento.

Assim, é possível dizer que nos Estudos do Corpo a experimentação é sempre necessária, seja uma experimentação da fala, da escrita, do movimento, da imaginação, do pensamento, da discussão, das linhas e de qualquer outra ordem. Experimentar para se ter com o que pensar, tomando isso como um exercício de vida para o professor. E cada experimentação pode produzir movimentos para se criar condições para outras experimentações, não tendo como negar o constante movimento, o nomadismo no qual o próprio fazer colocar em deslocamento o fazer/pensar de professores.

Referências Bibliográficas

CORAZZA, S. M (2008). *Currículos nômades: múltiplos nomes em 51 fragmentos*. VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul: Pesquisa em Educação e Inserção Social. Mesa Temática por Eixo: Currículos e saberes. Universidade do Vale do Itajaí, SC, 23 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2008/Curriculo_e_Saberes/Mesa_Tematica/12_05_23_Eixo2_mt_sandra.pdf>. Acesso: 25/05/2017.

CORAZZA, S. M. (2012). *Didaticário de criação: aula cheia*. Porto Alegre: UFRGS. (Escreleituras cadernos de notas 3).



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Crioulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

FERRAZ, W. (2014). *Pesquisar e pensar “com”*: entre criação artística e criação acadêmica. In: FERRAZ, W. (Org.). *Experimentações Performativas*. 1ed. Porto Alegre: INDEP, v. 1, p. 20-30. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/275770813/Pesquisar-e-Pensar-com-Entre-Criacao-Artistica-e-Criacao-Academica-Texto-Wagner-Ferraz>>. Acesso: 25/05/2017.

FERRAZ, W. (2016). *Cartografar corpos dançantes: pesquisa/criação artística/acadêmica*. In.: VALLE, F. P., FERRAZ, W. (Orgs.). - Porto Alegre-RS: Curso de Licenciatura em Dança/UFRGS. p. 97-106. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/327786732/Cartografar-Corpos-Dancantes-Wagner-Ferraz>>. Acesso: 25/05/2017.

GONÇALVES, B. F. (2012). *Outros “10 passos”*. In.: CORAZZA, S. M. Didaticário de criação: aula cheia. Porto Alegre: UFRGS. (Escrileituras cadernos de notas 3).

KROEF, A. B. G. (2002). *Currículo-nômade: plano de uma bruxa*. In: 25º Reunião anual da ANPED, 2002, Caxambu. 25ª Reunião da ANPED: Programa e Resumos, 2002. <<http://25reuniao.anped.org.br/excedentes25/adabeatrizkroeft12.rtf>>. Acesso: 25/05/2017.

MUNHOZ, A. V., DOMÊNICA, M. H. (2015). *Algumas notas sobre espaços e movimentos do currículo*. Revista Espaço do Currículo, v.8, n.3, p.317-322, Setembro a dezembro. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/rec.2015.v8n3.317322>>. Acesso: 25/05/2017.

OLEGÁRIO, F., CORAZZA, S. M. (2015). *Entre raízes e radículas. O que se passa no currículo escolar”*. Espaço do Currículo, v.8, n.3, p. 356-363, Setembro a Dezembro. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/download/rec.2015.v8n3.356363/14756>>. Acesso: 25/05/2017.

PARAÍSO, M. A. (2010). *Diferença no currículo*. Cadernos de Pesquisa, v.40, n.140, p. 587-604, maio/ago. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a1440140.pdf>. Acesso: 25/04/2017.

SARDAGNA, H. V., CORAZZA, S. M.(2013). *Pensar a diferença no currículo: exercícios de escrileitura na docência*. Artíficos Revista do Difere - v. 3, n. 6, dez. Disponível em: <http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/Revista6/Dossie%20Helena%20Corazza.pdf>. Acesso: 25/04/2017.

PARAÍSO, M. A. (2015). *Currículo nômade: quando os devires fazem a diferença proliferar*. In: Edgar Roberto Kirchof; Maria Lúcia Wortmann; Marisa Vorraber Costa.. (Org.). *Estudos Culturais e Educação Contingências, articulações, aventuras, dispersões..* 1ªed.Canoas: Editora da ULBRA, v. 1, p. 269-288.